

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PESQUISADOR

Gismeire de F. Portes Ribeiro¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre a importância de o professor conhecer e pesquisar não somente o conteúdo didático, mas também o perfil de cada um de seus alunos. O professor pesquisador deve conhecer seu aluno nos âmbitos biológicos, sociológico e psicológico, a fim de compreender suas dificuldades, limitações e comportamento sem possíveis “rotulações”. Estamos no século XXI, muitas transformações vem ocorrendo no mundo de forma avassaladora, e os professores se sentem despreparados para acompanhar o ritmo frenético destas mudanças. E para acompanhar o desenvolvimento deste mundo globalizado, é importante que conheçam os fundamentos da educação, bem como, a descrição do que é a educação, pois com tanta tecnologia de informação, é necessário que o professor trabalhe de maneira singular a autonomia de seus alunos, para que se tornem independentes e não sejam simplesmente heterônomos. Porém, para que se conclua um trabalho eficaz, e se chegue a uma aprendizagem significativa, é necessário, afeto, diálogo, compreensão, conhecimento e parceria plena da família e da escola.

Palavras-chave: Conhecimento. Pesquisa. Diálogo. Afetividade.

ABSTRACT: *This paper is a reflection on the importance of teacher knowledge and research not only educational content but also the profile of each of its students. The teacher researcher must know your students in the fields of biology, sociological and psychological, to understand their difficulties, limitations and possible action without "rotulações". We are in the twenty-first century, many changes happening in the world so overwhelming, and teachers feel unprepared to follow the frenetic pace of these changes. And to follow the development of this globalized world, it is important to know the fundamentals of education, as well as a description of what is education, so as information technology, it is necessary for the teacher to work in a unique way to empower their students, to become independent and are not simply heteronomous. However, in order to complete work efficiently, and reach a significant learning is necessary, affection, dialogue, understanding, knowledge and full partnership of family and school.*

Keywords: Knowledge. Searching. Dialogue. Affectivity.

APRESENTAÇÃO

Quando falamos de professor pesquisador, logo vem à nossas mentes um professor dotado de conhecimentos acadêmicos; talvez que um mestre ou até mesmo um doutor em determinado campo didático. Porém, hoje todos os avanços tecnológicos e científicos que nos cercam, nos mostram a necessidade que o professor tem de conhecer seus alunos no âmbito social, biológico e psicológico. Não desconsiderando a importância de se dominar o conteúdo trabalhado; porém, devemos ressaltar que não é somente isto que merece atenção especial. “...outra razão para mudar o foco do ensino para a aprendizagem relaciona-se a mudança que as novas tecnologias da informação produziram na produção, na disseminação, no acesso e no processamento do conhecimento.” (MELLO, 2004. p. 57). E para isso, fazem-se necessárias muitas pesquisas. Uma pesquisa silenciosa e muitas vezes longa sobre a vida pessoal de seus alunos.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Superior da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba – MG. E-mail: meioreportes@hotmail.com

Se o professor conhece seus alunos em todas as suas dimensões, ele compreende melhor seu comportamento em sala de aula, assim como, seu sucesso ou fracasso acadêmico, apatia ou rebeldia em sala de aula; e sabe lidar com cada uma dessas situações.

Hoje é preciso que o professor trabalhe em tempo integral, para receber um salário condizente com a realidade capitalista, não tendo tempo suficiente para desenvolver um trabalho de qualidade e tão pouco de conhecer cada um de seus alunos de maneira particular. Muitos então, sem tempo para uma especialização ou para um estudo mais aprofundado, estagnaram e não conseguem acompanhar o desenvolvimento do mundo globalizado.

O professor é um grande agente no processo educacional. Cabe a ele mostrar aos educandos o que fazer com aquilo que lhes foi ensinado. Mostrar-lhes os caminhos que podem ser percorridos e apresentar-lhes o mundo para que seja “explorado”. E para que o professor conheça bem seus alunos, é preciso que ele primeiro se conheça. Que acredite no que faz, no que fala e principalmente no que sente. Jean Paul Sartre, já dizia que o homem é aquilo que ele faz. E para que ensine com qualidade é preciso que saiba o que se está ensinando. Que conheça e domine o conteúdo a ser trabalhado.

1. O PROFESSOR DA ESCOLA PÓS-MODERNA

O professor da escola pós-moderna deve ser facilitador da aprendizagem, orientando seus alunos na contextualização do conhecimento com a realidade e ser capaz de orientar quanto à aplicabilidade de suas teorias na prática de seus educandos, pois os alunos da escola pós moderna vivem sob a influência do mundo virtual, das novelas e vídeo games, onde tudo acontece em tempo recorde sem qualquer esforço. E para alunos pós-modernos é necessário professores também pós- modernos, capazes de trazer estes alunos ao mundo real, despertando a vontade e o desejo de se construir algo com esforço e dedicação.

Porém, isso só se torna possível se o professor conhecer a realidade do aluno, sua linguagem, seus valores e objetivos de vida; integrando conceitos e fatos do dia-a-dia na estruturação do conteúdo de sua disciplina.

O problema é que, parte dos professores, não consegue acompanhar as mudanças dos novos tempos e insistem em conduzir suas aulas da mesma maneira que faziam à 20 anos. Estes vêem os alunos como “pizzas”. Todos iguais, dentro de seus uniformes, incapazes de reconhecê-los fora destes trajes. Não dão importância aos aspectos sociais, como condição de vida, cultura, crença, entre outros, tão pouco se atentam para fatores psicológicos, que seriam o modo que este aluno tem de ver e sentir o mundo; e ainda os

biológicos, que seriam a maneira como este aluno recebe e processa as informações recebidas.

Mello (2004, p.160) cita que *“...em princípio nenhum professor está preparado para as mudanças de paradigmas; porém esta dificuldade inicial, se vista como uma oportunidade, pode trazer saltos qualitativos.”*

Hoje o professor não é mais transmissor do conhecimento, mas sim um agente facilitador, um condutor da troca de conhecimentos.

Com a chegada das TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação) o professor se vê ainda mais despreparado. Grande parte dos profissionais da educação não foram “treinados” para usarem tal tecnologia e acabam sendo contra este progresso, não aceitando que hoje a educação acontece em “tempo real”. E aceitam menos ainda que seus alunos dominem com tanta facilidade o que para eles é um “bicho de sete cabeças”. Sendo assim, para atuar na escola pós-moderna, o professor tem que se capacitar e ser um pesquisador também do conhecimento. Buscar estar sempre atualizado, não apenas no que se refere a sua disciplina, mas também ao ensino/aprendizagem. Pois só assim, ele será capaz de ser facilitador deste processo.

Na escola pós-moderna quebra-se a idéia da escola conservadora, e passa-se a discutir os problemas relacionados aos alunos, com os próprios alunos, dando-lhes autonomia. Isso irá proporcionar que em grupos, eles mesmos estabeleçam regras e formas para que sejam cumpridas, assim como, o que fazer quando estas não se cumprem. Desta forma o aluno deixa de ser um mero receptor para ser participante do processo ensino/aprendizagem.

O aluno precisa se sentir parte integrante do espaço escolar para que a aprendizagem ocorra de forma natural e proveitosa.

2. OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO.

Não é possível falar dos fundamentos da educação, sem antes entender o conceito de educação. De acordo com o site da inep, a educação é *“...o processo contínuo de integração à sociedade e reconstrução de experiência, a que estão condicionados todos os indivíduos”* (DBE – 1986) ou ainda *“...a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social”* (DBE – 1986, citando Durkheim)

Durkheim (1858 – 1917), criador da sociologia da educação, com sua doutrina pedagógica, fundamenta a educação com a concepção do homem e a sociedade. Para ele, a educação se fundamenta por meio da família e da religião que a mesma oferece, da escola e da sociedade em que este indivíduo vive.

A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios – sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento – que baliza a conduta do indivíduo num grupo. O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela. (Durkheim, Revista Nova Escola, 2009, p. 59)

Vários outros pensadores e estudiosos falam sobre os fundamentos da educação, como, Dewey, cita que a educação não é preparação, nem conformidade e sim vida. Educação para ele é viver, desvendar e crescer, temos ainda Bourdieu e Passeron que acreditavam na existência de diferentes culturas dentro de uma sociedade.

Lawrence Stenhouse (1926 – 1982) defensor da pesquisa no dia-a-dia acreditava que quem mais precisa aprender é aquele que ensina. Pioneiro em defender um estudo baseado em pesquisas, ele lutou para que o professor deixasse de se colocar como autoridade na sala de aula.

Os fundamentos da educação são a busca do conhecimento, em todos os âmbitos: filosóficos, sociológicos e históricos.

Apesar das diferenças que separam as correntes filosóficas e sociológicas, existe entre elas algo em comum: a educação como um processo cultural, de valores, atitudes e experiências.

2.1 – PROFESSOR – AGENTE TRANSFORMADOR

Embora hoje, o papel do professor esteja um tanto quanto desacreditado e principalmente desvalorizado por pais, alunos e governantes; é esta a figura mais importante na transformação social e econômica do país.

Chalita (2001) descreve a importância do professor na instituição de ensino, principalmente nos dias de hoje, onde equipamentos e materiais são colocados em primeiro plano – acreditando-se ser assim que se faz uma educação de qualidade. Chalita não nega a importância de tais recursos para a qualidade da educação, mais ressalta, que o professor é a “peça fundamental” no processo ensino/aprendizagem.

Os professores precisam compreender a sociedade e a política que a integra, pois somente percebendo as transformações da ação social e cultural do meio em que atuam, e o nível social, econômico e cultural de seus alunos é que se pode afirmar que ele será capaz de transformar aquela realidade. Porém, isso só se torna possível, se o professor acreditar na sua capacidade e, sobretudo na grandiosidade de sua profissão. E isto se faz a partir do momento em que o professor deixa de ver a sua profissão como “sina” que deve ser cumprida, mas como uma profissão séria, executada por pessoas capacitadas para ocupar tal posição.

Quando o professor começa a compreender a sociedade bem como toda sua política, ele passa a entender a atitude de cada um de seus alunos, e desta forma lidar com

eles de maneira particular e singular, sem ingenuidade e sem buscar explicações mágicas para compreender as atitudes tomadas. Ele passa a interpretar os problemas ocorridos, buscando aprofundar seus conhecimentos acerca daquele aluno em específico sem qualquer julgamento aparente, mas buscando principalmente a causalidade do fato.

A prova de que todo educador é um agente transformador, capaz de promover mudanças sociais está na forma como seus alunos saem da escola; provavelmente levarão para sua família, um pouco daquilo que o professor representou para ele.

3. A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E DA HETERONOMIA DE SEUS ALUNOS

Segundo o dicionário da língua portuguesa, autonomia significa: “Faculdade de se governar por suas próprias leis, dirigir-se por sua própria vontade”. Enquanto a heteronomia é “Subordinação ou sujeição à vontade de outrem ou a uma lei exterior”.

Desta forma, fica fácil compreender a importância do professor na construção da autonomia e da heteronomia de seus alunos.

É importante ressaltar que para o professor desenvolver a autonomia de seus alunos, ele precisa primeiramente desenvolver a autoestima dos mesmos, embora, se saiba, que só é possível desenvolver a autoestima no outro se você está bem consigo. É nosso comportamento que contagia o outro e que desperta a vontade ou desmotiva. Amui (1997, p.54) também ressalta que *“...não é o que se diz que educa, mas o que se é e se vivencia”*.

Mas qual a ligação entre autoestima e autonomia? Quando o ser humano acredita em si, na sua capacidade e principalmente valoriza e respeita o que faz, ele sabe que é capaz de tomar decisões e de fazer suas próprias escolhas. Isto não implica desobedecer regras ou não saber cumprir leis. Mas sim, saber avaliar a escolha que faz, com a consciência de ser a melhor decisão.

O professor deve ser capaz de mostrar a seus alunos os caminhos a serem seguidos, dando lhes opções de escolha e deixando-os executar sozinhos suas ações.

O professor como facilitador do conhecimento deve permitir ao aluno a compreensão do que ele faz, para onde está indo e o que está tentando realizar.

Quando o aluno não desenvolve sua autonomia ele se torna presa fácil para obedecer à vontade do mundo exterior; o chamado heteronomia.

Um exemplo claro de heteronomia é o cigarro. Muitos jovens começam a fumar, simplesmente porque todos do grupo ao qual pertencem fumam. Atendendo desta forma a vontade dos outros.

Na infância, as crianças acreditam na verdade absoluta dos adultos; à medida que vão crescendo, isso tende a ir desaparecendo, dependendo da autonomia que este indivíduo recebeu.

Ao desenvolver a autonomia de seus alunos, o professor está também dando-lhes a oportunidade de escolher e tomar suas próprias decisões com consciência e responsabilidade.

No entanto, quando um professor assume uma sala de aula, muitas vezes não se pergunta se aquele aluno que não cumpre as atividades individuais ou não consegue se desenvolver nos grupos de trabalho, ou é aparentemente tímido, simplesmente, na verdade, é um aluno que não consegue se expor diante dos problemas apresentados. É uma pessoa acostumada a receber ordens e ser influenciado pelos colegas, não expondo suas idéias por medo de rejeição ou por achar que o que pensa não faz diferença para o outro.

É muito importante que o professor, além de desenvolver a autonomia em seus alunos, consiga também analisar quais deles não possuem tais habilidades.

4. PEDAGOGIA DA PRESENÇA

A origem da pedagogia da presença está ligada à ordem dos religiosos Maristas e Salesianos; embora se encontre pouco a respeito, esta linha de trabalho, é bastante utilizada, não somente nas escolas ligadas a estas ordens, mas também em vários projetos sociais na área da educação.

O objetivo da pedagogia da presença é trabalhar a autonomia do aluno, incentivando-o a falar, participar e sugerir, porém, com organização e disciplina.

Ao trabalhar utilizando essa linha pedagógica, o professor deve ser espontâneo e agir de forma natural, confiando no que faz. De acordo com Marcelino Champagnat (1789-1840), fundador dos padres maristas, para ser um bom educador é necessário que o professor conviva com o aluno todo o tempo de que dispuser, ou seja, é necessário que se conheça quem está por detrás das carteiras em todas as suas dimensões.

A pedagogia da presença tem como fundamento, o respeito, a aceitação, a compreensão e a amizade, acreditando que é com o exemplo que se ensina e não com palavras, respeitando o jeito de cada educando. E isso significa não tratar todos da mesma maneira, pois, ao contrário do que tantos dizem, não somos todos iguais. Podemos todos iguais perante a lei, mas cada pessoa é única e deve ser tratada e respeitada na sua particularidade.

É importante que o professor saiba lidar bem com suas emoções antes de entrar em uma sala de aula. Somente quando o indivíduo se aceita e se respeita, principalmente

em suas próprias limitações, é que ele se torna capaz de respeitar e lidar com as limitações e emoções do outro. No site do Educa Brasil, acessado em 21/01/2010, mostra uma citação de Goleman, reportando Aristóteles diz: *"Qualquer um pode zangar-se. Isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e da maneira certa não é fácil"*. Sabemos que as atitudes e dificuldades do dia-a-dia acabam desgastando a relação professor/aluno, mais o professor, como agente facilitador do conhecimento, deve estar atento, porque uma simples ação que para ele é banal, pode ter grandes influência na vida daquele indivíduo e causar danos emocionais e psicológicos irreversíveis.

Desta forma, para que o aprendizado aconteça, o professor tem de estar sempre junto ao aluno, acompanhando e analisando não somente comportamentos e atitudes, mais onde está sua real dificuldade (que pode ser tanto uma dificuldade de aprendizagem específica, como por exemplo uma dislexia, TDAH – Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade, dislalia, dentre outras; como uma dificuldade de aprendizagem momentânea, causada por separação ou brigas excessivas dos pais ou perda de um ente querido).

Para Champagnat, devemos estar próximo de nossos alunos sem oprimir nem inibir; sabendo falar e afastar no tempo oportuno, encorajando-os a crescer e agir com liberdade e responsabilidade.

1. OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO

Os Quatro Pilares da educação foram definidos em um Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação no Século XXI, intitulado: Educação um Tesouro a descobrir (1996). Ele busca o que há de comum no que se refere a ensino/aprendizagem em diversos países, e teve como principal pesquisador o político francês Jacques Delors.

Mesmo sendo criados em épocas diferentes, a pedagogia da presença e os Quatro Pilares da Educação “casam” perfeitamente as duas teorias, o que acaba levando os professores a unirem os conceitos e formarem uma única linha de trabalho.

Os Quatro Pilares da Educação quebram desta forma, os paradigmas da educação tradicional, pois ultrapassam a visão quantitativa (quanto mais se ensina para o aluno melhor será para ele), fato hoje já considerado quase impossível, levando em consideração o número elevado de informações que as tecnologias de comunicação e informação – TICs – levam para os alunos. A intenção aqui não é somente obter resultados imediatos, mas formar cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade.

Os Quatro Pilares da Educação estão relacionados aos quatro tipos de educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.

APRENDER A CONHECER

O **aprender a conhecer** se refere ao processo cognitivo, a compreensão do que se aprende e a memória. O aluno aprende a conhecer não somente o conteúdo programático, mas aprende a descobrir o ambiente que o cerca sob vários aspectos; elevando assim, seu “espírito crítico”, desenvolvendo sua capacidade de discernir o certo e o errado por meio de sua autonomia.

Aprender a conhecer, seria então o mesmo que aprender a aprender, desenvolvendo no aluno a vontade do saber, levando-o a se concentrar em suas atividades, a desenvolver a memorização e ao pensamento não somente dedutivo, mas intuitivo; levando-o a chegar a suas próprias conclusões. Para isso, voltemos ao capítulo que trata da importância do professor pesquisador, pois, neste caso ele deve ser atento e sensível as necessidades dos estudantes; levando em consideração os aspectos sociais, biológicos e psicológicos.

APRENDER A FAZER

O **aprender a fazer**, se refere à prática, ou seja, está diretamente ligado ao aprender a conhecer. É preciso que o aluno não só retenha as informações, mas que saiba analisar, correr riscos, que tenha coragem para executar a teoria e que aprenda a errar em busca do acerto.

É importante ressaltar que o aprender a fazer, não se refere ao fazer exercícios que tenham haver com o conteúdo teórico; mas o fazer, preparando o aluno para enfrentar os desafios da vida, resolver os conflitos do dia-a-dia, ser cooperativos, trabalhar em grupo, ter humildade e respeito as diferenças, não ter medo de executar o que lhe for ensinado.

APRENDER A VIVER COM OS OUTROS

Ensinar a **aprender a viver com os outros**, é um grande desafio para os educadores, pois diz respeito a atitudes e valores, que os educandos já trazem de casa. Neste subitem, ressalta-se a não violência, o combate aos diversos tipos de preconceitos, a tolerância, a compreensão, entre outros. Desta forma exige-se que o professor tenha sensibilidade, tolerância, paciência e conhecimento da vida de cada educando; conhecendo a realidade em que cada aluno vive, o professor consegue analisar com mais precisão os pontos fracos e fortes para se trabalhar este campo.

Para aprender a viver com os outros, os alunos precisam, sobretudo ser capazes de evitar conflitos, se isto não for possível, que ao menos os resolva de forma pacífica,

conhecendo os outros, suas culturas e espiritualidade, valorizando o que é comum entre eles e não as diferenças.

APRENDER A SER

O **aprender a ser**, está ligado ao aprender a conhecer, ao aprender a fazer e ao aprender a viver com os outros. Tem como finalidade o desenvolvimento do indivíduo em todos os seus aspectos (espiritualidade, corpo, sensibilidade, responsabilidade). Está ligado ao saber viver com os outros no que se refere a vida em sociedade propriamente dita. Ele vai além, trabalha o desenvolvimento do indivíduo, forma pessoas autônomas, independentes, capazes de estabelecer relações inter/intrapessoais, ensinando-os a se comunicarem e intervirem de forma consciente e com discernimento.

Só podemos viver bem com os outros, se soubermos lidar com nossas próprias emoções e frustrações.

2. A PRESENÇA DO DIÁLOGO NA RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO

Segundo Vygotsky (1997) a relação professor/aluno não deve ser uma relação de imposição, mas de respeito, ajuda e crescimento para ambos, sem ignorar a ação intrapsíquica do sujeito.

Para Piaget (1998), o professor “perde tempo” ao verbalizar, sem permitir que os alunos usem a abordagem, tentativas e erros.

No ensino tradicional não há diálogo entre professores e alunos. Nesta linha de trabalho, o aluno é aquele que não sabe, que obedece, que é dominado, controlado e que deve ficar calado, sem sair do lugar, enquanto o professor, é o dotado do saber, aquele que transmite o conhecimento, o soberano.

Hoje, no entanto, os estudos e pesquisas mostram que o professor não é aquele que sabe tudo, e tão pouco, o aluno é aquele que não sabe nada. Daí a importância da interação entre professor e aluno para que se chegue a uma aprendizagem significativa.

A interação professor/aluno, deve ser muito maior do que “transmitir” e “receber” informações, deve-se preparar o indivíduo para a convivência em grupo e em sociedade, tendo como suporte fundamental, a afetividade entre ambos.

Para que haja diálogo, faz-se necessário a afetividade. O cuidado com a educação afetiva deve caminhar lado a lado com a educação intelectual, pois é este tipo de educação que direciona todos os nossos atos. A educação intelectual na verdade, é o elemento influenciador na formação do caráter. Porém, a interação professor/aluno perpassa as

aquisições cognitivas, é preciso que o professor apóie seu aluno, dando segurança e confiança; evitando fazer críticas negativas para não aguçar a insegurança e o sentimento de incapacidade, para assim, estimular o autoconceito.

As expectativas do professor podem, sob determinadas circunstâncias, afetar a aprendizagem; por isso, o professor deve estar sempre atento, buscando agir com naturalidade diante de qualquer situação que envolva o aluno. Desta forma, o professor estará respeitando seu aluno, e ele não se sentirá diminuído por não ser o que se “esperava” que ele fosse.

No livro “Pais brilhantes, professores fascinantes”, Cury (2003, p. 42) mostra que entre conversar e dialogar há uma grande diferença: “*Conversar é falar sobre o mundo que nos cerca, dialogar é falar sobre o mundo que somos.*” Dialogar é saber ouvir e ser ouvido, é respeitar o que o outro pensa, sem ser contra seus próprios princípios.

Desta forma, acredita-se que para haver diálogo, é necessário uma relação de respeito que o aluno trás como bagagem cultural e intelectual; assim, torna-se possível a participação de todos no caminho do conhecimento, pois, se há respeito, os alunos não se sentirão intimidados a expor suas opiniões.

O diálogo resgata o verdadeiro sentido do educar. Apenas por meio dele (lembrando que o diálogo é muito mais que uma simples conversa) podemos transformar a relação entre professor/aluno.

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO RENDIMENTO ESCOLAR

Para entendermos qual é a influência da família no rendimento escolar, faz-se necessário entendermos o verdadeiro papel da família e sua função.

De acordo com a Constituição Federal (2006), artigo 227, “*é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e o adolescente, com absoluta prioridade, o direito a vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, a profissionalização, à cultura, a dignidade, ao respeito, a liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão*”.

O Código Civil (2006), trás no capítulo IX, artigo 1.634, sobre o exercício do poder família, que compete aos pais: dirigir aos filhos a criação e educação, tê-los em sua companhia e guarda, exigir que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição, dentre outras.

Isabel Parolin (2005) coloca a família como um núcleo afetivo, em que cada um cuida de si e do outro. De acordo com ela, independente da formação da família, o importante é

sempre manter-se família, promovendo o desenvolvimento, o crescimento e a segurança de seus filhos. Além de ser responsável de estruturar o sujeito em sua identificação.

Desta forma, é possível constatar a influência da família no rendimento escolar de seus filhos. É a partir dos cuidados que dão a seus filhos, que o processo ensino/aprendizagem se facilitará ou será prejudicado. Quando as crianças não recebem limites em casa, dificilmente saberão ouvir ou entender o trânsito social, os papéis e o funcionamento do mundo. Para aprender, necessita-se de atitudes que estão relacionadas à compreensão de regras.

No entanto é importante que o professor faça a leitura da família, antes de cobrar qualquer atitude diante do fracasso do aluno. Pois, mesmo com todas as leis que hoje apontam a responsabilidade da família no cuidado com seus filhos, é possível averiguar que nem todos os genitores cumprem seu papel.

Não nos cabe aqui, julgar ou condenar a realidade das famílias, mas sim mostrar a necessidade que o professor tem de buscar conhecer melhor seu aluno. Isso facilitará a sua compreensão a respeito da dificuldade que o educando trás e a falta de acompanhamento da família.

Devemos lembrar que muitos pais mandam seus filhos à escola para cumprirem uma lei, sem reconhecer a importância do aprendizado, e acabam transferindo para as crianças estes valores, estas vontades para a escola sem saber o papel social da instituição de ensino. Esse pensamento pode ser reforçado por PAROLIN (2005), onde ele diz: *“O grau de estima e de valorização que se dá, em família, aos estudos é um gerador de motivação ante o aprendizado escolar”*.

A família influencia no rendimento escolar, não somente ajudando nas tarefas destinadas para casa ou simplesmente mandando os filhos para a escola todos os dias, como também mostrando a eles a importância do conhecimento para a transformação social e o papel do professor como agente nesta transformação. LOPES (1987), já dizia que, para um bom rendimento escolar, os pais poderiam colaborar, simplesmente evitando criticar e desprestigiar o professor na frente dos filhos, evitando desta forma diminuir a sua autoridade em sala de aula.

A família tem que estar atenta aos tipos de cuidados que oferece para seus filhos, para facilitar o sucesso escolar, não sendo nem autoritários nem permissivos demais, buscando o equilíbrio e a ponderação em todos os seus atos. Como já vimos, é com o exemplo que mais ensinamos e não com palavras soltas. *“Nem permissivos, nem autoritários, nem passivos, nem superprotetores. Na vida, tudo é uma questão de equilíbrio”*. (CHALITA, 2008).

No entanto, os pais não devem se culpar por ficar pouco tempo com seus filhos e muito menos por terem que trabalhar demais para sustentar a casa. O importante é que se faça do tempo que estão com eles, um tempo de aprendizado para ambos, e que se acredite nas possibilidades de seus filhos. Em toda família existe conflitos; porém, não se deve deixar que estes interfiram na relação. Isso é fator fundamental para o desenvolvimento e crescimento pessoal de seus integrantes.

A influência da família no rendimento escolar, contribui para a maturidade emocional e intelectual do indivíduo, dando-lhe oportunidade de sair da condição inicial, tornando-se capaz de mudar não somente a própria realidade, mas a de outras pessoas do seu convívio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a situação do ensino/aprendizagem, podemos levantar uma série de falhas no processo: a péssima remuneração, o que obriga o professor a trabalhar em vários turnos, as políticas educacionais existentes e a falta de conhecimento da vida dos educando.

Como vimos, é de suma importância que o professor tenha conhecimento sobre os aspectos fundamentais do ser humano, como o biológico, o social e o psicológico, para compreender o sucesso ou insucesso escolar.

A partir do momento que o professor sabe da história de vida de seu aluno, ele passa não somente a compreender suas atitudes, mas a respeitá-lo como ser único. Todavia, é necessário que este professor, tenha consciência do seu papel social, e que já tenha “embutido” em seus valores, sentimentos de fraternidade, sensibilidade, amor ao próximo e capacidade de se colocar no lugar do outro. Pois, como já foi visto é com o próprio exemplo que se desperta no outro a vontade de aprender, de ser, de fazer e de conviver em harmonia.

Com a construção deste, deixei de ser mero autor, para ser também um pesquisador; o que tornou possível compreender a necessidade de se conhecer as fontes de onde se fala e o “perigo” de se ter uma fala sem fundamentação teórica; o que pode levar o leitor a ter uma compreensão errônea a respeito do assunto abordado.

O trabalho apresentado foi de sua importância para meu desenvolvimento pessoal e principalmente profissional, pois, foi possível relacioná-lo à minha prática, e verificar o que realmente é possível e o que é utópico dentro da educação, para depois “registrar” neste artigo final, o que pode realmente ajudar os demais profissionais.

REFERÊNCIAS

AMUI, Selma. **Professor: profissão ou sina?** Araguari: Minas, 1997

BRASIL. **Constituição da República do Brasil** (1988). Brasília, 2006.

BRASIL. **Novo Código Civil**. Senado Federal. 2. ed. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. MEC. Brasília, 2002.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

_____. **Pedagogia da Amizade: Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Gente, 2008.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Os quatro pilares da educação**. <http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm>. Acessado em 21/01/10.

INEP, Instituto Nacional de Educação e Pesquisa. **Estrutura do termo educação. Fundamentos da Educação**. <http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/thesaurus.asp>. Acessado em 19/12/09.

MELLO, Guiomar Namó. **Educação Escolar Brasileira: o que trouxemos do século XX?**. São Paulo: Artmed, 2004.

MENEZES, Ebenezer Takuno; SANTOS, Thais Helena. **"Pedagogia da presença"** (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira* - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002, <http://www.educabrasil.com.br>. Acessado em 21/01/2010.

Nova Escola. **Os grandes pensadores: 41 educadores que fizeram história, da Grécia antiga aos dias de hoje**. Edição Especial. Ed. Abril. São Paulo. Julho de 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento; um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PAROLIN, Isabel. **Professores Formadores: à relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2007.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olimpio, 1998

Revista de Educação. AEC. **Família e escola: sentido e relações**. Ano 23 n. 93 – Brasília. Outubro/dezembro de 1994.

Ser Professor Universitário. Curso de capacitação. **Resiliência e Pedagogia da Presença**.

GOLEMAN, reportando Aristóteles. www.serprofessoruniversitario.pro.br – Acessado em 22/01/10